

Dos Pinheiros da Galiza à Terceira – até Pessoa...

Jorge Forjaz*

QUIROGA, Carlos (2018). *Raízes de Pessoa na Galiza*. Santiago de Compostela: Através Editora.

(Parte 1)

A família materna de Fernando Pessoa é de há muito conhecida dos genealogistas. Descendente de um certo Manuel Pessoa, que viveu pelas imediações de Coimbra na segunda metade do séc. XVI, e que, após duas quebras de varonia, foi avô de Manuel da Cunha Pessoa, nascido no Fundão, Castelo-Branco, cerca de 1670, o qual é 5.º avô em varonia de Fernando Pessoa. Cruzados os Pessos com Seabras, Cunhas, Amorins e outros, constrói-se o caldo de antepassados que se consubstancia no brasão de armas que se atribui ao lado paterno de Fernando Pessoa.

As dúvidas, ou antes, a pouca informação sobre os seus antepassados tocava essencialmente o ramo materno. Como é sabido, a mãe, D. Maria Madalena Pinheiro Nogueira (1861-1925) era natural da cidade de Angra do Heroísmo, filha do conselheiro Luís António Nogueira e de Madalena Amália Xavier Pinheiro, um e outro descendentes de famílias pouco conhecidas da bibliografia genealógica angrense, que, aliás, era quase nenhuma até à publicação em 1908 do *Nobiliário da Ilha Terceira*, obra em 2 volumes do Dr. Eduardo Azevedo Soares (Carcavelos), que estivera alguns anos colocado na Terceira como juiz de direito, obra da qual saiu em 1947 uma 2.ª edição. Numa e noutra pouquíssimas referências se fazem aos antepassados de Fernando Pessoa, muito menos às suas origens galegas.

Foi preciso chegar a 1974, e a um autor não angrense, embora cidadão adoptivo desta terra, para se falar pela primeira vez nas linhas maternas do poeta. Pedro de Merelim, pseudónimo de Joaquim Gomes da Cunha, operoso investigador da história angrense, editou no Instituto Açoriano de Cultura um estudo intitulado *Fernando Pessoa e a Terceira: figuras do ramo materno do poeta*, onde, pela primeira vez se fala, embora sem grande desenvolvimento, dadas as naturais dificuldades de acesso às fontes, nas origens galegas do poeta. Na Terceira não se desconhecia a sua relação com Angra – até numa casa da Rua da Palha fora inaugurada uma placa memorial, dizendo que ali vivera Fernando Pessoa quando passou algum tempo acompanhando a mãe na sua terra natal. E na ocasião, o jornalista João Afonso publicou uma entrevista com uma quase centenária senhora, prima do poeta, que se lembrava muito bem da presença dele na cidade.

O que Pedro de Merelim escreveu passou a ser citado por todos os estudiosos de Pessoa – era a última palavra sobre as suas raízes açorianas, e que

* Historiador e genealogista.

iam desembocar num galego, Caetano José Pinheiro, nome que usava assinar em Portugal, mas que parecia que se chamava Caetano Dionísio de Lens. Estudou Matemática em Coimbra, serviu as armas, foi sargento-mor da guarnição do Castelo de S. João Baptista em Angra e tronco da família Pinheiro. Daqui para baixo é tudo muito claro, e mais claro ficou depois da publicação em 2007 das *Genealogias da Ilha Terceira*, que publiquei em co-autoria com António Ornelas Mendes. Mas nesta obra pouco se acrescentou quanto às origens galegas do poeta – nem era nosso propósito, nem sequer estava ao nosso alcance, pois as fontes que poderíamos usar estavam muito longe e de acesso desconhecido para um investigador português.

Novo e definitivo impulso sobre esse lado da genealogia do poeta vem agora dar-nos o professor da Universidade de Santiago de Compostela, Doutor Carlos Quiroga, com o seu magnífico trabalho *Raíces de Pessoa na Galiza*, edição da Através Editora, Santiago de Compostela, em 2018, com 308 páginas.

É absolutamente notável o trabalho desenvolvido pelo autor, sobretudo se tivermos em conta que estamos a falar somente de um dos costados do poeta, ou seja a família de um dos seus bisavós maternos, o acima citado Caetano José Pinheiro, homem elusivo, cuja informação por ele próprio fornecida é muitas vezes contraditória, a começar pela própria terra da sua naturalidade, que hoje temos como certo ser a freguesia de Santo Tirso de Cando, concelho de Outes, na Galiza, e que o nosso Caetano, por razões que nos continuam a escapar, transmutou em Coimbra! Era gente de um estrato social muito modesto, gente que passa por este mundo deixando fraco rasto documental que torna difícil a reconstituição das suas pegadas – um baptismo, a morte, e, eventualmente, um casamento e uns tantos filhos. E é tudo.

Mas foi partindo dessa base tão escassa que o Prof. Carlos Quiroga construiu a sua abordagem pessoana, e por isso é tão mais de admirar o resultado final, tão variado nas suas perspectivas, constituindo, pelo menos na parte que me diz mais directamente respeito (“Parte I – A Genealogia Galega de Fernando Pessoa”, a que se segue uma “Parte II – Pessoa Retornado: De *Orpheu* a Caeiro”), como genealogista que tenho sido, um caso absolutamente exemplar. Dominando com segurança a documentação principal que se utiliza na primeira construção de uma qualquer genealogia – os registos paroquiais – o autor vai desenvolvendo a sua tese, envolta continuamente em reflexões sobre as características da antroponímia portuguesa, em comparação com a galega, a carreira militar do antepassado galego, os parentes que possa ter na Galiza, a inserção geográfica do local do seu nascimento, até a prevalência na actualidade de certos nomes de família. Tudo bem concatenado, bem fundamentado – com um seguro e vasto suporte documental –, e apresentado num texto final aliciante mesmo para quem não navegue nestes mares tormentosos das genealogias mais ou menos anónimas.

Pedro de Merelim, pioneiro nesta investigação, e a quem o autor presta homenagem citando-o inúmeras vezes, teria gostado de saber o desenvolvimento que este tema teve pela mais autorizada mão que se poderia encontrar – um reputado investigador da Galiza, que está de parabéns pelo resultado alcançado e que não deixaria de surpreender o próprio Pessoa – quiçá inspirando-o para outras digressões poéticas.